



HITTS

PATRIMÓNIO, INOVAÇÃO, TERRITÓRIO, TURISMO E SUSTENTABILIDADE

UMA HISTÓRIA COMUM

2025



Interreg Sudoe



Co-funded by
the European Union

HITTS

Parceiros

Fundação Huerta de San Antonio, Espanha

Fundação Valle Salado de Añana, Espanha

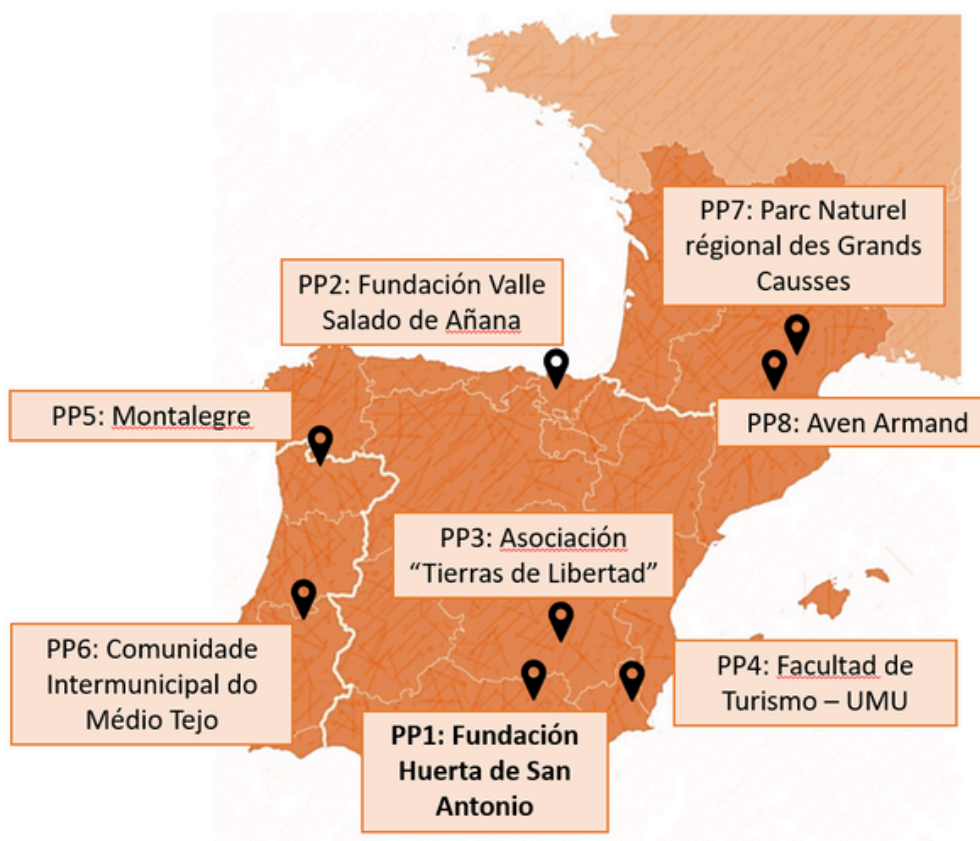
Associação Tierras de Libertad - Associação de Desenvolvimento do Campo de Montiel y Campo de Calatrava, Espanha

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo, Portugal

Município de Montalegre, Portugal

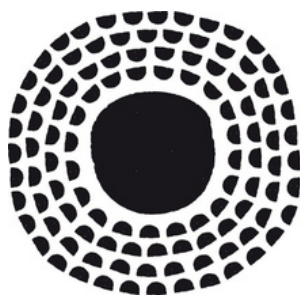
Parc Naturel régional des Grands Causses, França

Aven Armand - Montpellier le Vieux S.A., França



Índice

Introdução.....	página 5
Fundação Huerta de San Antonio, Espanha.....	página 6
Fundação Valle Salado de Añana, Espanha.....	página 7
Associação Tierras de Libertad - Associação de Desenvolvimento do Campo de Montiel y Campo de Calatrava, Espanha.....	página 8
Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo, Portugal.....	página 9
Município de Montalegre, Portugal.....	página 10
Parc Naturel régional des Grands Causses, França.....	página 11
Aven Armand - Montpellier le Vieux, França.....	página 12
Terras que contam a sua história, unidas pela alma comum do SUDOE.....	página 13
Murmúrios de água por todo o lado.....	página 14
Paisagens como livros abertos.....	página 15
Um santuário vivo.....	página 16
O património aqui está vivo	página 17
A gastronomia é uma forma de viver.....	página 18
A vontade de fazer coisas juntos.....	página 19
INFOGRAFÍA.....	página 20



Introdução

Um projeto de turismo sustentável e desenvolvimento rural não pode ser concebido sem a construção de uma narrativa comum, capaz de fortalecer o sentimento de pertença das comunidades locais e aumentar a atratividade da região. Com isso em mente, os parceiros do projeto HITTS estão a trabalhar para desenvolver uma narrativa comum para todo o território SUDOE. O objetivo é duplo: destacar o que torna cada território único e identificar os elementos comuns que compõem uma identidade coletiva, diferenciando assim o SUDOE de outras regiões europeias. Para isso, os laboratórios territoriais mobilizam uma equipa multidisciplinar e contam com recursos endógenos, bem como ferramentas inovadoras, como a narrativa aplicada ao turismo cultural e de natureza. Ao combinar entrevistas, depoimentos e explorações de campo, desenvolvem narrativas convincentes e significativas, capazes de promover a história, a cultura e as paisagens específicas de cada território. Este trabalho alimenta a criação de uma história comum do SUDOE, que procura dotar a área de uma imagem turística clara, coerente e diferenciada, reforçando assim o seu posicionamento como um destino rural de alto valor cultural e natural.



Igreja San Lorenzo

Memória viva

Uma igreja como ponto de partida: construída após a reconquista cristã, a Igreja de San Lorenzo foi por muito tempo o centro de um bairro de horticultores e artesãos. Batismos, procissões e festas de padroeiros marcaram a vida comunitária, até o declínio das hortas, a emigração de famílias e o abandono das práticas comunitárias. Fechada e em ruínas, simbolizava o fim de uma era. Mas San Lorenzo renasce hoje graças à sua reabilitação, tornando-se um motor cultural e social.

O sopro da paisagem

Situado num pico rochoso a sul de Úbeda, o bairro abre-se para olivais, montanhas e o Vale do Guadalquivir. Os seus miradouros oferecem mais do que apenas uma vista: um refúgio que o escritor Antonio Muñoz Molina descreveu como uma "visão oceânica". A paisagem é vivenciada através dos sons, cheiros e gestos ancestrais dos jardineiros, cujos jardins suspensos — vestígios frágeis de um mundo desaparecido — ainda preservam a sua memória.

San Lorenzo preserva um tecido urbano único: ruas medievais, palácios renascentistas, muralhas almóadas. O seu património inclui a Casa de las Torres, a Porta de Granada e, especialmente, a sua igreja, hoje um vibrante centro cultural. O bairro também se expressa por meio das suas histórias: lendas da Tia Tragantía, contos populares e a memória personificada por figuras locais como Paca, o "Tocador de Sinos". E sempre, as palavras de Muñoz Molina, uma testemunha sensível que capturou a alma do lugar.

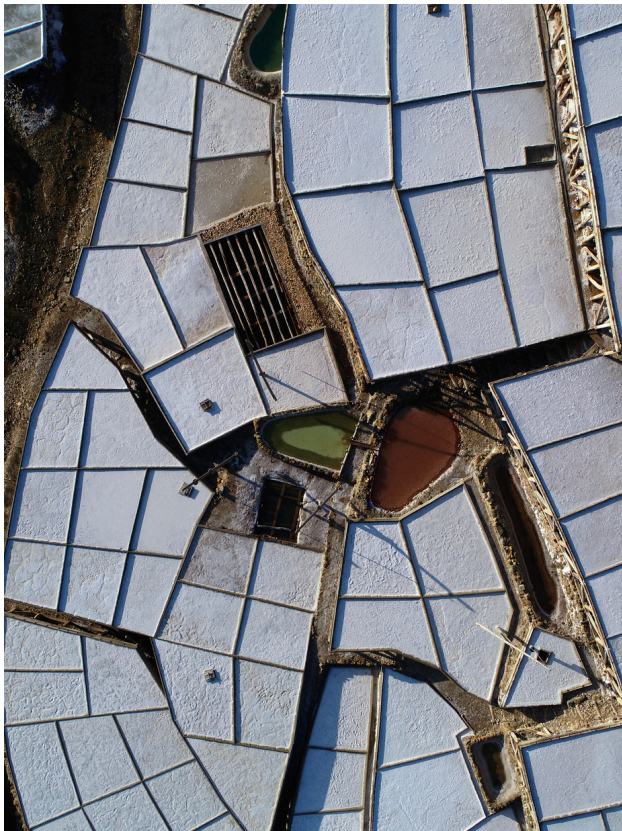
Uma comunidade em mudança

Antes unida pelo comércio da horticultura, a comunidade fragilizou-se devido ao declínio da agricultura e ao abandono do mundo rural. Hoje, a comunidade está agrupada em volta do património, da cultura e da paisagem. A antiga igreja, agora um espaço de encontro e criatividade, reúne novamente moradores e visitantes em torno de uma herança compartilhada e de uma visão de futuro.

www.iglesiasanlorenzoubeda.com



Fundação Valle Salado de Añana



Valle Salado de Añana

Um tesouro antigo que combina tradições ancestrais e natureza

O Valle Salado de Añana (Salinas de Añana) é um dos elementos mais emblemáticos da região. Explorado há mais de 7.000 anos, representa um dos sistemas de extração de sal mais antigos do mundo ainda visíveis. Este sítio, moldado por gerações de famílias locais, demonstra um saber único e uma excelente adaptação aos recursos naturais, em particular à nascente salina subterrânea que alimenta as estruturas em socacos. A produção de sal, pilar fundamental da economia local durante muito tempo, moldou a vida social, o comércio e a organização do território. Mesmo após o seu declínio industrial no século XX, a memória das minas de sal permanece viva, transmitida através de histórias, gestos e costumes, de geração em geração.

A região de Añana também se caracteriza pela diversidade das suas paisagens, o que é um verdadeiro trunfo para a qualidade de vida. Os seus habitantes desenvolvem um forte senso de pertença.

Culturalmente, Añana ostenta um importante património: arte românica, castelos medievais, casas-torre, mas também tradições rurais e património artesanal. A cultura local, ainda relativamente pouco estruturada, é fomentada por iniciativas e eventos específicos, como a Schubertiada. O seu desenvolvimento é especialmente importante se for reforçado por ações coletivas enraizadas na região.

Por fim, a vida social baseia-se em locais de encontro informais: festas, bares, espaços naturais e sobre valores compartilhados: solidariedade, respeito pela tradição e desejo de construir comunidade.

Tierras de Libertad



Campo de Montiel

Um território com raízes profundas

Localizado no sudeste da província de Ciudad Real, Campo de Montiel é uma área única devido à sua geografia, história e modo de vida. É um planalto localizado na confluência das bacias dos rios Guadalquivir e Segura. Essa posição estratégica torna-o um corredor natural que promove a biodiversidade e conecta as paisagens do Canal da Mancha com os vales da Andaluzia.

Um ambiente único: A área é caracterizada por uma geologia única, graças à presença de lençóis freáticos elevados, dos quais as Lagunas de Ruidera são o exemplo mais visível. O clima mediterrânico, com forte influência continental, gera contrastes sazonais marcantes. A paisagem diversificada proporciona um habitat ideal para a fauna local: águias-reais, lincos-ibéricos, aves estepárias e espécies migratórias.

Campo de Montiel é uma terra rica em história e cultura, habitada desde a Idade do Bronze e moldada por inúmeras civilizações.

Desde o século XIII, a Ordem de Santiago deixou aqui a sua marca cultural e religiosa.

Esta área também é mencionada por autores espanhóis como Cervantes e Quevedo, e é influenciada pela poesia de Jorge Manrique. Os períodos renascentista e barroco refletem-se em locais ao longo dos rios Guadiana, Guadalquivir e Segura, como Almedina e Villanueva de los Infantes.

As aldeias de Campo de Montiel têm uma estrutura social homogênea, com habitantes autônomos, porém solidários. A ajuda mútua é valorizada. O seu modo de vida está ligado à agricultura e à pecuária, como ilustra um ditado popular sobre os produtos locais: vinho, pão, azeite e carne. No entanto, algumas atividades tradicionais, como o artesanato com fibras vegetais, estão a desaparecer, colocando em risco um património cultural cuja preservação é crucial.

Médio Tejo



Médio Tejo

O vinho conta a história da terra

Uma história longa e multifacetada, escrita por diferentes povos e culturas que, ao longo dos séculos, moldaram a paisagem, a identidade e o saber-fazer da região. Cada época deixou a sua marca, ainda viva nas vinhas, nos mostos e nas gentes: dos romanos aos templários, da espiritualidade silenciosa dos cistercienses ao trauma da filoxera, passando pelas transformações do século XX e pela inovação do século XXI, tudo com um olhar para o futuro.

É esta história que a história do vinho no Médio Tejo procura contar hoje. É uma viagem sensorial e cultural, onde cada época representa um capítulo na profunda ligação entre as gentes e a terra. O Médio Tejo é, por excelência, uma mostra de terroirs. Argilo-calcários, aluviais e xistosos, os seus solos revelam uma notável diversidade geológica, refletida na riqueza das castas, nos métodos de condução da vinha, nas escalas das videiras, nas técnicas de produção, nas encostas e na exposição solar.

Esta diversidade oferece diferentes expressões vinícolas dentro de um único terroir. No Médio Tejo, esta comunhão é tangível. Aqui, cada vinho expressa uma paisagem, uma memória, um modo de vida. E é através desta ligação profunda e autêntica que a região se consolida como um destino de enoturismo único, com uma forte identidade assente na biodiversidade.

Ao abraçar uma narrativa vinícola partilhada, enraizada na diversidade histórica e na riqueza natural e cultural da região, a região do Médio Tejo posiciona-se como um lugar onde o passado e o presente se entrelaçam em experiências autênticas, sustentáveis e memoráveis. Um território onde o vinho não é apenas um produto, mas um património vivo, em constante evolução e pronto para enfrentar os desafios do futuro.



Montalegre



Montalegre

Uma identidade forjada pelas montanhas

Montalegre caracteriza-se por um clima rigoroso, pela riqueza dos recursos naturais e, principalmente pela estreita relação dos seus habitantes com o seu entorno. Numa comunhão perfeita com a natureza, estes esculpiram e construíram o mosaico paisagístico que distingue este território. Situado na linha de fronteira com Espanha, o concelho integra o único Parque Nacional do país e, juntamente com Boticas, detém a distinção de Património Agrícola Mundial. As serras, o Planalto da Mourela, os carvalhais, as cascatas e lagoas, assim como o património edificado, são espaços vivos, vibrantes, habitados e respeitados. A majestosidade da formação natural em que o concelho assenta proporciona o sentimento de viver num paraíso entre as nuvens, demonstrando o vínculo profundo e, quase espiritual que une os seus habitantes ao território.

Aqui, a cultura vive e é vivida. Os segredos da Mourela, o ar puro do Larouco são algumas das grandezas de Barroso. O património edificado existente atesta não só a antiguidade da região como também a sua diversidade e riqueza. Os diversos eventos como a Feira do Fumeiro, o Congresso de Medicina Popular, a Sexta 13 e Festival Aldeia de Lobos, demonstram a sua capacidade de ressignificar o património de forma inovadora, sustentável e sustentada.

A gastronomia, profundamente enraizada na identidade local, é simples, mas repleta de tradição e sabor. O pão centeio, a carne barrosã certificada, o presunto e fumeiro de Barroso, os pratos pacientemente preparados à lareira e os diversos mercados de produtos locais com notoriedade regional evidenciam a ligação duradoura entre a terra, a tradição e a comunidade. A gastronomia é, portanto também, um forte atrativo e ativo cultural que atua como veículo de coesão social, alavanca para o desenvolvimento turístico e meio de transmissão e preservação intergeracional.

Aqui, a vida social assenta na solidariedade, entreajuda e espírito comunitário. Destaca-se ainda a tenacidade e elevada capacidade de adaptação da população local. As práticas agrícolas e pastoris ancestrais coexistem com formas contemporâneas de cooperação.

O Ecomuseu de Barroso desempenha um papel central na dinâmica cultural territorial. Conecta comunidades, apoia e divulga iniciativas locais enquanto conserva e dinamiza a memória coletiva existente. É uma estratégia de coesão, mas também de futuro.

Parc naturel régional des Grands Causses



Parc Naturel Régional des grands Causses

O extremo sul do Maciço Central

Aqui, planaltos a céu aberto, vales férteis, desfiladeiros vertiginosos com águas translúcidas, montanhas verdejantes e terras arroxeadas de bosques vermelhos criam uma paleta infinita de cores e emoções. Criado em 1995, o Parque representa a luta dos pioneiros pela preservação.

O grande Rio Tarn

Caminhada pelas Gargantas GR736 e Vale do Tarn Com mais de 300 km e quinze etapas, esta rota revela o espírito do curso de água.

Ao longo da jornada, o viajante não tira os olhos do rio. Ele caminha pelas suas margens verdejantes, banha-se nas suas águas e contempla o vale através de miradouros impressionantes. Iniciando a Rota nos pântanos do Monte Lozère, com o sol nascente às costas, o caminhante segue para oeste, guiado pelo Rio Tarn. É aqui que ele nasce.

Com o passar dos dias, consolidam-se os indícios de uma peregrinação que acompanha o curso das águas e se desenvolve no plural.

O Rio Tarn revela múltiplas facetas em seu curso acidentado. Nascido nas Cévennes, com mil riachos a jorrar do granito, ele floresce em um planalto de alta altitude, uma terra de pastagens e turfeiras. Como poderíamos imaginar que a tímida torrente esculpiria um cânion monumental com uma linha esmeralda? Essa metamorfose ocorre na entrada das famosas Gorges du Tarn.

Bem-vindo ao mundo das Grands Causses. Por toda parte, a vastidão da paisagem convida à comunhão com os monumentos naturais que o Homem sabiamente preservou. O Viaduto de Millau é uma obra-prima aérea sobrevoada por abutres e que atravessa o Vale em harmonia. Rio abaixo, o rio, controlado pelas barragens de Raspes, estende-se por tranquilos corpos d'água entre duas margens selvagens e arborizadas. Em seguida, vem o bucólico Vale do Tarn, marcado pela paisagem esculpida pela agricultura atravessado por meandros, que inclui a península de Ambialet e sua charmosa vila cheia de personalidade. A última paragem oferece a descoberta da cidade de Albi.



Aven Armand

Onde a pedra fala

No coração das Grands Causses, encontra-se um território esculpido pelo tempo e pela imaginação. Um lugar onde a rocha se torna uma catedral, onde as árvores se agarram aos penhascos, onde o vento evoca os nomes dos antigos. É aqui que a Aven Armand mergulha nas profundezas do Causse Méjean e onde a Cité de Pierres ergue-se como uma floresta mineral que desafia o céu. Foi aqui que a SA Aven Armand Montpellier-le-Vieux nasceu há um século.

Por cem anos, esta empresa familiar moveu-se com a terra, no mesmo ritmo que a rocha se transforma. Ela abraça as suas linhas, a sua fragilidade e a sua promessa. Tornou visíveis mundos antes considerados inacessíveis. Abriu caminhos, escavou túneis, mas sempre ouviu o que a terra tinha a dizer.

A natureza é uma companheira e uma professora, oferecendo uma experiência imersiva. Sob as estalagmites de

Aven Armand, sentimos o tempo geológico.



Montpellier-le-Vieux

Na Cidade das Pedras, cada passo conecta sonhos e erosão. Preservar estes tesouros inclui iluminação suave e gestão da água, incentivando a observação e a compreensão. Visitar este lugar permite que o visitante de desconecte e reconecte com o mundo. Este lugar é mais do que apenas um espaço de calcário e vento. Está repleto de memória, história e património vivo. Conta a história de exploradores como Martel e Armand, bem como dos guias, geólogos e contadores de histórias que os seguiram.

Por ocasião do seu centenário, a empresa reinventa-se para contar melhor a sua história e receber melhor os visitantes, redefinindo e protege os seus valores culturais.

Aven Armand e a Cidade das Pedras não são meras maravilhas naturais. São reflexos de um século de busca da humanidade por significado. E o seu maior tesouro são as pessoas que, aqui, todos os dias, dialogam entre rocha, memória e vida.



As terras contam as suas histórias: Uma alma comum do SUDOE

Há territórios que atravessamos e outros que nos atravessam. Lugares que se impõem não pela força, mas pela delicadeza e significado. Paisagens que vibram, pedras que falam, águas que conectam. De Añana a San Lorenzo, de Campo de Montiel ao Vale do Tarn, das montanhas de Montalegre às encostas do Médio Tejo, das falésias dos Grands Causses aos planaltos varridos pelo vento, ouve-se um sopro comum. Vozes diversa, mas uma alma comum.

Em todo lugar a água murmura

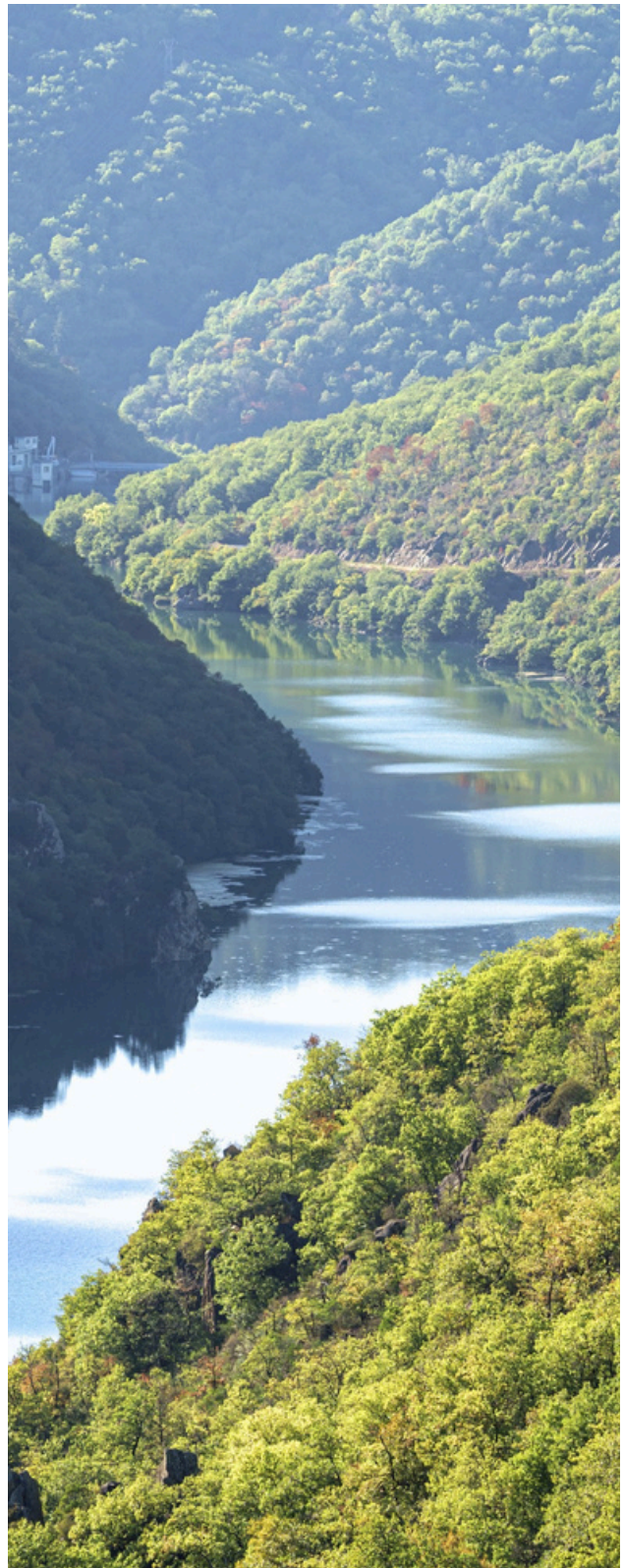


Em Añana, traça os contornos de antigas salinas. Em San Lorenzo, embala pomares abandonados. Em Campo de Montiel, emerge das profundezas para criar poças de luz. No Vale do Tarn, serpenteia entre as casas, nutrindo e confortando.

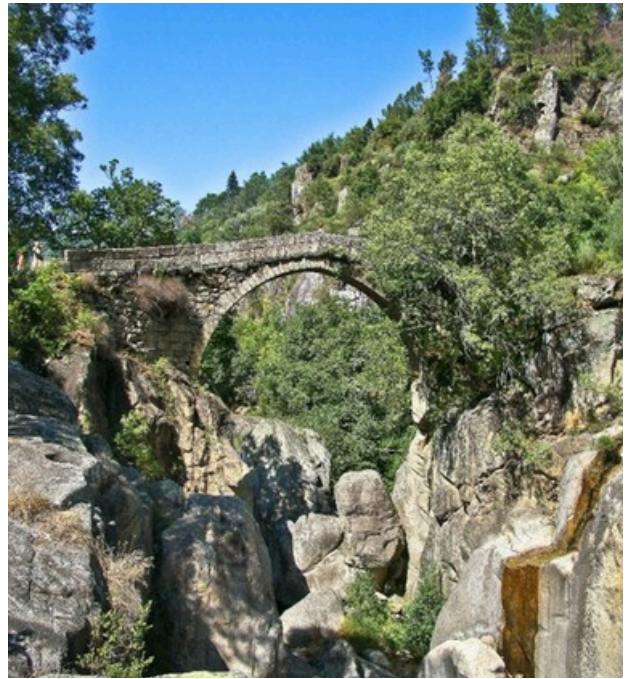
Em Montalegre, desce da alta montanha criando cascatas e lagoas de água límpida e cristalina. Autênticos santuários naturais que expressam uma espiritualidade ancestral e materializam o pacto tácito desta com a serra.

No Médio Tejo, mata a sede dos solos e das vinhas, impregna a memória das castas e transporta silenciosamente o eco de terras antigas.

Nas Grands Causses, a água é um autêntico tesouro. O terreno impõe as suas próprias leis: penhascos, dolinas, cavernas, rios escondidos. Um território acidentado, mas inspirador.



Paisagens, como livros abertos



Nessas territórios, as paisagens são autênticos livros abertos.

Podemos ver a presença do Homem e séculos de engenhosidade. Lagares rupestres escavados nas rochas são alguns dos vestígios deste património vasto e rico património.

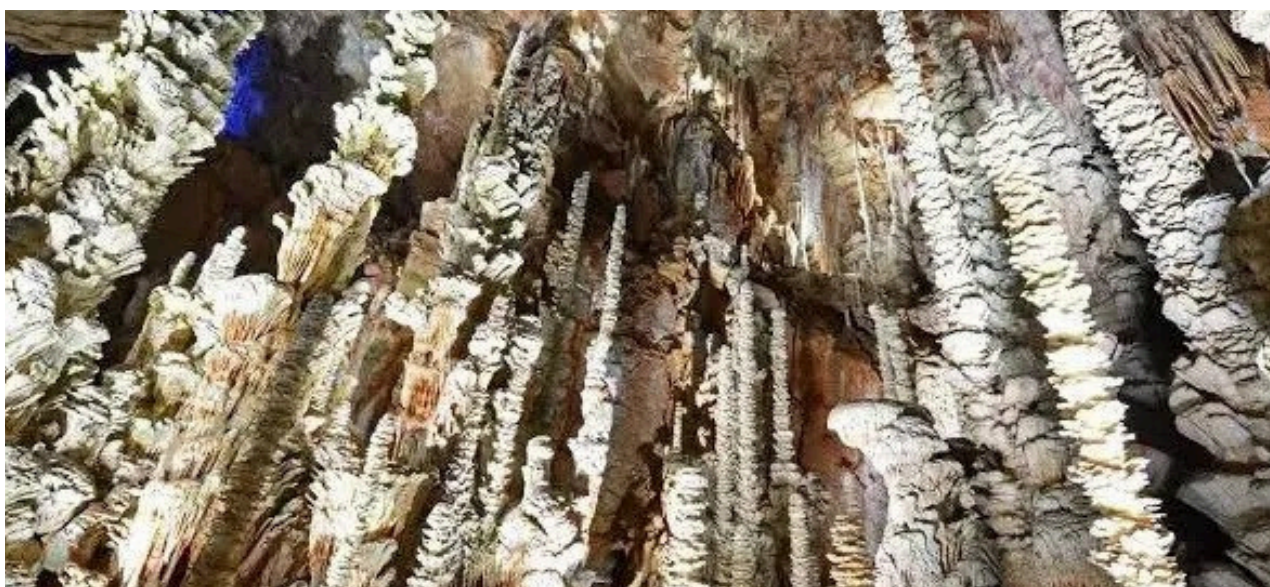
Em San Lorenzo, as lendas de um bairro suspenso no tempo são contadas. No Vale do Tarn, varandas de amendoeiras, adegas e os portões de uma vila fortificada são retratados. Em Montalegre, a memória da Ponte da Misarela, do Castelo Medieval, do Mosteiro de Pitões e o saber ancestral são preservados. A história e o património edificado narram a resiliência de um povo serrano que viveu sempre em perfeita comunhão com a natureza e o seu entorno.

Nas Causses, eles testemunham proações e conquistas: cruzeiros plantados em memória dos desaparecidos, cavernas exploradas pelos primeiros espeleólogos, muros escalados em nome de um desafio existencial.

Um santuário vivo



Em Añana, preserva-se o eco das torres e capelas românicas. No Médio Tejo, são as pedras das adegas, os lagares e os muros baixos que nos falam, falam-nos da persistência de um saber-fazer, da lenta alquimia entre calcário, xisto e humanidade.



E nas profundezas das Grands Causses, em Aven Armand, a pedra sussurra de forma diferente. Ali, um sopro secular habita a rocha. Um sopro nascido de uma aventura humana singular, a de uma sociedade única: uma comunidade de homens e mulheres, pioneiros e contrabandistas, unidos para tornar o invisível visível.

Cada passo ecoa suavemente, cada luz é pensativa, cada palavra é ponderada. Este não é um local turístico: é um santuário vivo.

Aqui o património está vivo



E aqueles que a habitam são seus guardiões

Histórias coletivas são escritas em cafés, praças, feiras e festivais. Em Campo de Montiel, a planície evoca os mercados de outrora. Em Saint-Rome-de-Tarn, o festival Cornards reúne as crianças locais todos os anos. Em Montalegre, a comunidade reúne-se em torno dos seus rituais e sabores. Onde a Sexta 13 se assume como um evento de referência mística nacional e internacional. Sexta-feira 13 torna-se um festival mágico. E, o lobo, antes temido, é celebrado. Os seus habitantes criam laços através das estações, colheitas e histórias. O Ecomuseu de Barroso torna-se o coração



Nas Causses, foi em meados do século XX que a natureza se tornou uma escola. O Clube Alpino de Millau, nascido no espírito do catolicismo social, transformou penhascos em salas de aula, caminhadas em iniciação e esforço físico em conhecimento coletivo. Clubes, alojamentos, associações e cooperativas inventaram uma cultura ao ar livre onde a aventura é um direito compartilhado.



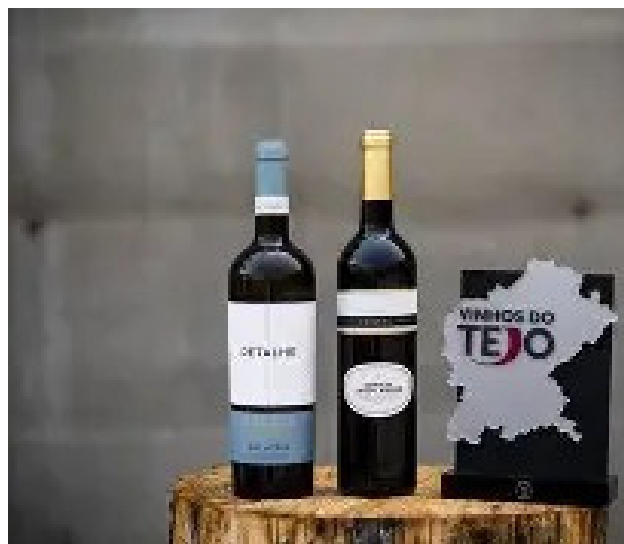
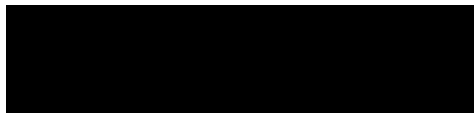
Em Viala-du-Tarn, artistas e contadores de histórias nutrem uma cultura popular.

Em San Lorenzo, a literatura torna-se memória com as palavras de Antonio Muñoz Molina. Em Añana, a música antiga mistura-se ao murmúrio da terra.

E no Médio Tejo, cada vindima reinventa a tradição: o vinho é uma linguagem, uma história líquida transportada através dos séculos.

Enraizada na antiguidade, moldada por ordens monásticas, abalada por provações, ela renasce a cada ano, rica em diversidade, memória e futuro.

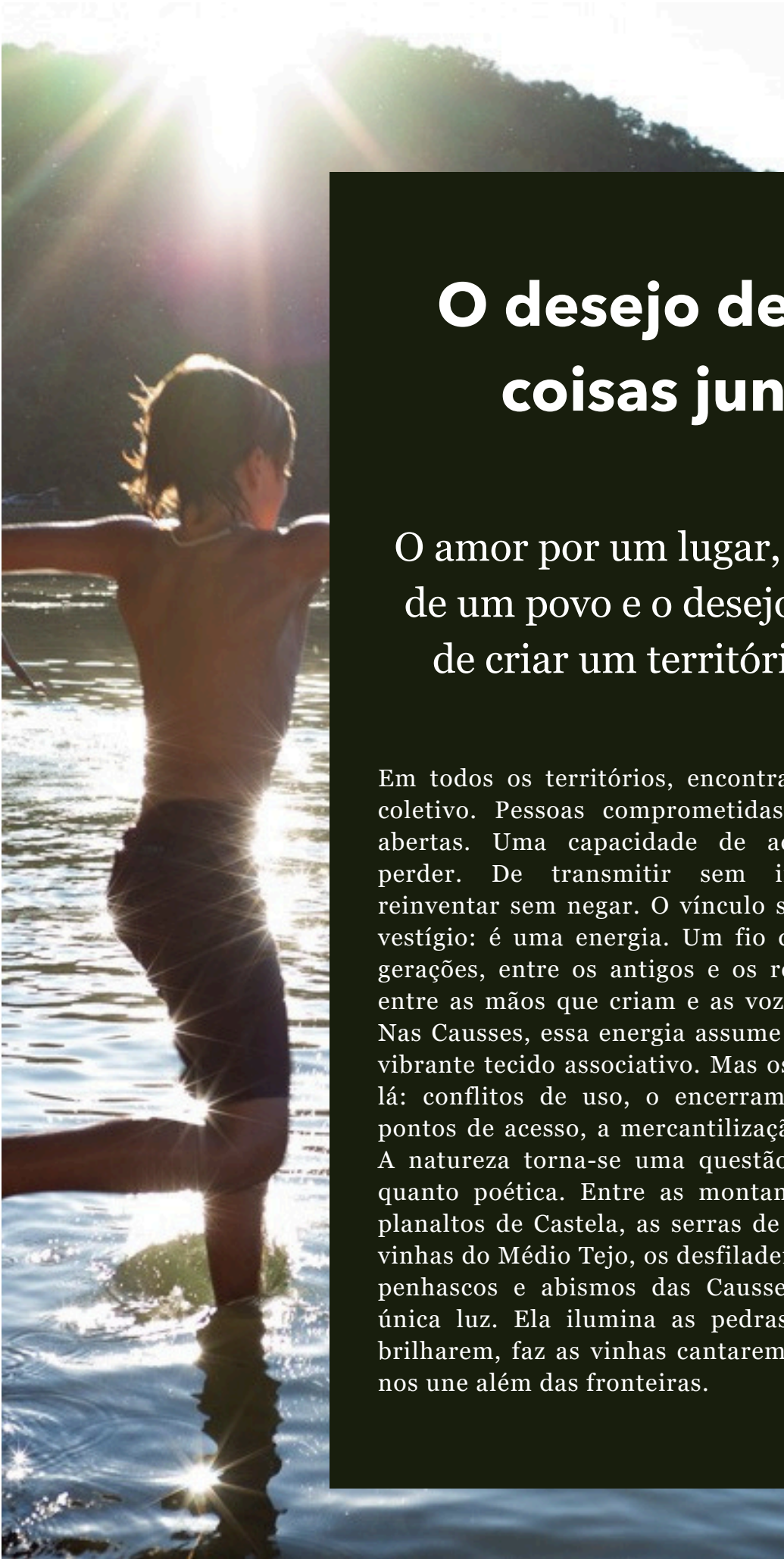
Gastronomia é uma arte de viver.



O território de Montalegre, selvagem e fértil, também fala através dos seus sabores. A gastronomia é mais do que um modo de vida: é um ritual, uma identidade, uma transmissão. Fumeiro, pão centeio e pratos cozinhados lentamente junto à lareira, pão de centeio e pratos cozinhados lentamente em fogo de lenha falam de inverno, paciência, montanhas e entreajuda. Nas Causses, são os acampamentos de inverno, os piqueniques à beira da falésia e as memórias das primeiras experiências numa corda ou num caiaque que alimentam a memória gustativa. O sabor da terra aqui é o do fogo, da simplicidade e da convivência.

O solo do Médio Tejo é um mosaico vivo. Calcário, aluvial, xisto... cada território é uma voz, uma emoção, uma forma de habitar o mundo. O vinho torna-se um reflexo do território e um catalisador de identidade. Ao criar uma rota histórica do vinho, a região afirma um desejo: transformar esta memória numa experiência partilhada, sustentável, sensível e coletiva.





O desejo de fazer coisas juntos

O amor por um lugar, a memória de um povo e o desejo profundo de criar um território juntos.

Em todos os territórios, encontramos a arte do coletivo. Pessoas comprometidas, orgulhosas e abertas. Uma capacidade de acolher sem se perder. De transmitir sem impor. De se reinventar sem negar. O vínculo social não é um vestígio: é uma energia. Um fio que corre entre gerações, entre os antigos e os recém-chegados, entre as mãos que criam e as vozes que contam. Nas Causses, essa energia assume a forma de um vibrante tecido associativo. Mas os desafios estão lá: conflitos de uso, o encerramento de certos pontos de acesso, a mercantilização das práticas. A natureza torna-se uma questão tanto política quanto poética. Entre as montanhas bascas, os planaltos de Castela, as serras de Montalegre, as vinhas do Médio Tejo, os desfiladeiros do Tarn, os penhascos e abismos das Causses, circula uma única luz. Ela ilumina as pedras, faz as águas brilharem, faz as vinhas cantarem e revela o que nos une além das fronteiras.

Nossa história

A nossa história ganha forma nestes territórios que percorremos e que, por vezes, nos marcam. São lugares que importam, não pela sua força, mas pela sua presença. Paisagens com significado e pedras que testemunham, águas que conectam. De Añana a San Lorenzo, de Campo de Montiel ao Vale do Tarn, das montanhas de Montalègre às encostas do Médio Tejo, das falésias dos Grands Causses aos planaltos varridos pelo vento, surge uma dinâmica comum: uma diversidade de vozes, mas uma identidade partilhada.



Singularidades

Úbeda (San Lorenzo)	Añana	Médio Tejo	Campo de Montiel	Montalegre	Grands Causses	Aven Armand Montpellier le vieux SA
Herança renascentista ao redor da igreja e dos jardins suspensos.	Tesouro milenar da extração de sal.	Vinho e património vinícola como uma narrativa compartilhada.	Territórios históricos e biodiversidade.	Altas montanhas, cultura viva, Ecomuseu de Barroso.	Agropastorícia e o Rio Tarn: paisagens monumentais.	Principais sítios geológicos e história dos descobridores.

Identities compartilhadas

Água	Paisagens e pedras	Culturas vivas e festivas	O terroir	A força do coletivo e da solidariedade
Salinas de Añana, lagoas do Campo de Montiel, vinhas do Médio Tejo, rios Tarn, águas subterrâneas de Causse., cascatas deslumbrantes em Montalegre.	Vilas fortificadas, torres, ermidas românicas, terras agrícolas moldadas, socacos cultivados, pontes, adegas, lagares, muros baixos, grutas, penhascos.	Música antiga, literatura, mercados, festivais folclóricos, crenças, rituais, tradições agrícolas, clubes, cultura ao ar livre, artistas.	Sabores locais, culturas alimentares, agricultura de planície e montanha, saber fazer, vinhas, gastronomia.	Transmissões culturais, histórias coletivas, vida comunitária rural, experiências partilhadas, tecido associativo

Valores e desafios comuns

“

- Construir um turismo sustentável baseado na inovação e governança compartilhada.
- Preservar e promover o património natural, cultural e imaterial.
- Reinventar o turismo por meio de experiências culturais e artísticas.
- Desenvolver um turismo inclusivo que respeite as populações locais.
- Promover um turismo acolhedor e solidário, proporcionando significado e intercâmbios interculturais.
- Adaptação do turismo às alterações climáticas.

”